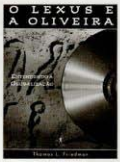
A nova aldeia global

Friedman, Thomas L. *O lexus e a oliveira*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1999, 472p.



Para Thomas Friedman, a globalização constitui o grande tema de discussão hoje. Entendê-la é compreender o novo sistema internacional que vai surgindo aos nossos olhos não como uma simples tendência de vida efêmera, mas como algo duradouro que veio para substituir o finado sistema da Guerra Fria. O autor sustenta que a globalização significa principalmente a integração do capital, da tecnologia e da informação além das fronteiras nacionais, de uma forma que vem dando origem a um mercado mundial único ou, até certo ponto, a uma aldeia global. E analisa as reações dos que se opõem a ela e a posição dos que se dispõem a preservar o equilíbrio do sistema.

A ciência do consumo

Underhill, Paco. *Vamos às compras*. Rio de Janeiro, Campus, 1999, 232p.



Considerado um dos fundadores da ciência do consumo, Paco Underhill, partindo do que pôde observar durante longo tempo no interior das lojas, dispõe-se a interpretar o comportamento do consumidor moderno. O autor e seus auxiliares acompanharam a atuação dos consumidores ao longo de anos e filmaram seus passos durante cerca de 20 mil horas. Assim, puderam concluir como as mulheres que trabalham fora alteraram a disposição dos supermercados e como se comportam os homens que tentam comprar presentes em lojas de *lingerie*. Enfim, cada vez mais esclarecido e exigente, o consumidor está mudando de comportamento, conclui o autor.

A era Vargas acabou?

Cardoso, Adalberto M. *Sindicatos, trabalhadores e a coqueluche neoliberal*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1999, 200p.



A necessidade de ampla reforma nas relações de trabalho e na estrutura sindical permanece como importante desafio ao país. Para entender a questão, o autor busca esclarecer algumas dúvidas que se encontram atrás das idéias de flexibilização do mercado de trabalho, salientando o esboço de uma reforma que interesse à maioria da população assalariada. Para ele, é possível flexibilizar sem desregulamentar inteiramente. Como é igualmente viável a manutenção do Estado como agente nas relações de classe sem que isso implique tutela do mundo sindical.

A guerra, o soldado e o médico

Sanderson, Júlio. *Heróis de curar*. Rio de Janeiro, Léo Christiano, 1999, 126p.



Ex-secretário de Saúde carioca, professor da Faculdade de Medicina e integrante de uma equipe médica que transformou o abandonado Hospital Pedro Ernesto e seus 6 quilômetros de corredores desertos no centro de referência que mais tarde seria o Hospital de Clínicas da Uerj, o dr. Júlio Sanderson nos surpreende com uma pergunta de enorme transcendência: por que são heróis e recebem as condecorações os soldados que matam? E por que não são heróis e nem recebem condecorações os médicos que salvam?

Em seu livro, o dr. Sanderson parte do exemplo do dr. Sasaki, o primeiro médico japonês que acudiu as vítimas da radiação provocada pela bomba atômica lançada em Hiroshima. Em 1945, Sasaki não hesitou um instante em expor-se ao inferno atômico para ajudar os feridos, mas, apesar de tudo, não foi condecorado nem é considerado um herói. Bem ao contrário, o piloto norte-americano que despejou a bomba atômica é permanentemente lembrado como herói e tem seu paletó coberto de medalhas.

O livro do dr. Sanderson, que é também uma emocionante defesa do médico-sacerdote, em oposição ao médico mercantilista e ao médico-funcionário — o burocrata que não hesita em faltar a um plantão domingueiro —, vale essencialmente pela profunda reflexão sobre o trágico paradoxo de nosso tempo, que é a valorização do herói de matar. Todos conhecemos Napoleão Bonaparte e suas matanças. Mas quantos sabem quem foi Salvino D'Armato, que por volta de 1317, em Florença, inventou os óculos? Ou quem era William Morton, que na cidade de Boston, em 1846, criou a anestesia? Sasaki, D'Armato e Morton eram *apenas* heróis de curar.

A Declaração de Direitos 51 anos depois

Lima, Alceu Amoroso. *Os direitos do homem e o homem sem direitos*. Rio de Janeiro, Educam-Vozes, 1999, 217p.



Neste livro, Alceu Amoroso Lima comenta cada um dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, um ano após a Declaração ter completado seu 25º aniversário, em 1973. A análise é feita à luz dos ensinamentos das encíclicas sociais do papa João XXIII, do pensamento de Jacques Maritain, André Malraux, Chesterton e Teilhard de Chardin e da história da formação jurídica dos direitos.

IB TEIXEIRA